

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE HISTÓRICA: LEITURA DOS ÁLBUNS DA FAMÍLIA MACHADO (PIONEIROS DE ARAGUAÍNA-TO)

Keliane Morais Silva Santos do Vale¹

Artigo recebido em 15/11/2017.

Artigo aceito em: 20/12/2017.

RESUMO:

Utiliza a fotografia dos álbuns da família Machado, pioneira em Araguaína, para investigar informações históricas do município, além de reconstituir micro-histórias da vida de Luzia Machado. Verifica limitações na leitura do suporte imagético, por isso se utiliza de fontes escritas e orais que esclarecem o contexto que as fotografias estão inseridas. Conclui sobre a importância social de Luzia Machado, que contribuiu como exemplo histórico, dentre outras mulheres que participaram ativamente da construção da cidade de Araguaína.

PALAVRAS-CHAVE:

Fotografia – História – Araguaína – Família Machado

ABSTRACT:

Uses Machado's Family pictures albums, pioneer in Araguaína, to investigate historical information of the town, besides rebuilding Luzia Machado's life micro-histories. Verifies limitations in the reading of the image support, so uses writing and oral sources which make clear the context where the pictures are inserted. Concludes about Luzia Machado's social importance, who contributed as a

¹Graduada em Comunicação Social e mestrandona Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins - UFT. CV: <http://lattes.cnpq.br/5711509298437122> E-mail: keliane.vale@uft.edu.br

historical example, like other women that participated actively in Araguaína city construction.

KEYWORDS:

Pictures – History – Araguaína – Machado’s Family

* * *

1. Introdução

O advento da fotografia apresenta-se como um novo meio de conhecimento do mundo. A iconografia fotográfica, organizada da variada gama de temas retratados, poderia fornecer um amplo painel de informações visuais para a nossa melhor compreensão do passado em seus múltiplos aspectos.

Diante dessas possibilidades geradas pela fotografia, esse estudo tem como objetivo provocar maior interesse no uso da fotografia familiar araguainense como documento histórico, se revelando como uma ferramenta para compreensão da trajetória histórica de grupos sociais de Araguaína, mas não só; engendra um conjunto de qualidades que a torna especialmente importante e original, desde a utilização da técnica fotográfica para elucidar o conteúdo da imagem, forma de estudo que conta com raros estudiosos, ao trabalho com um núcleo temático pouco explorado na bibliografia de Araguaína, os acervos fotográficos das famílias pioneiras do município, sendo ilustrado neste trabalho pela leitura dos álbuns da família Machado, retratando a importância da fotografia como rica fonte de informação do passado, nos atendo ao município de Araguaína.

A pesquisa surge das nossas inquietações sobre o “esquecimento” do uso da fotografia no campo científico, em contrapartida, busca percorrer este caminho. Para tanto, problematizamos como seria este uso no tipo de documentação específica que escolhemos: os retratos de álbuns de uma família pioneira em Araguaína. A narrativa de descendentes das famílias pioneiras de Araguaína-TO, provocada pela revisitação de álbuns fotográficos, bem como a incitação da

rememoração e produção de sentido, evoca memórias que podem ser potencializadas numa inter-relação das imagens com a memória do município?

Dessa forma, pretendemos discutir as possibilidades e limitações da utilização desse *corpus* como documento histórico, resgatando a transmissão de informações do passado, através das tramas da rede familiar, buscando relacioná-las com a memória do município, uma vez que os retratos familiares têm ligações estabelecidas entre o público e o privado.

2. A fotografia como objeto de pesquisa na análise histórica

A fotografia nasceu no século XIX, época na qual a noção de documento histórico estava associada ao valor de prova dos registros textuais – os de caráter oficial, como leis, tratados, certidões, atas, etc. A exatidão e a fidelidade da representação fotográfica em relação aos demais registros visuais existentes (desenho, pintura, gravura, etc.) deram à fotografia grande credibilidade no testemunho dos acontecimentos vividos pelo homem. A vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários. “A expressão cultural dos povos exteriorizadas através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmera” (KOSOY, 2001, p. 26).

A grande difusão da fotografia passou a exercer função importante de reconstrução e veiculação da memória, seja como indivíduos ou como participantes de diferentes grupos sociais. Para muitos estudiosos da história social e pesquisadores de outros ramos do conhecimento, as imagens são documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado como instrumento de análise histórica.

Uma fotografia equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu, como afirma Sontag (2004, p. 16), “a foto pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem”.

Dubois (1993, p. 25) também fala sobre o princípio de realidade da fotografia,

Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular. E essa virtude irredutível de testemunho baseia-se principalmente na consciência que se tem do processo mecânico de produção da imagem fotográfica, em seu modo específico de constituição e existência: o que se chamou de automatismo de sua gênese técnica.

Mesmo com as considerações de Dubois (1993) sobre o realismo da fotografia e a popularização do suporte imagético, isso não significou o seu uso imediato como fonte histórica, que foi por muito tempo desprezado. Segundo Borges (2005), no decorrer do século XIX e das primeiras décadas do século XX, um grupo significativo de historiadores ligados à historiografia metódica se recusou a usar a fotografia como fonte de pesquisa histórica, muito embora os diferentes setores da sociedade e de outras áreas científicas tenham valorizado e utilizado esse tipo de imagem desde o seu surgimento. Quem mais valorizou a fotografia foram os jornais, revistas, periódicos. Já para os estudiosos citados, a fotografia não era uma fonte confiável.

Borges (2005) justifica as razões dessa rejeição da fotografia pelos historiadores, causada principalmente porque eles instituíram a mística de um conhecimento essencialmente objetivo e mecânico, ou seja, natural, e entendiam que a imagem fotográfica não preenchia os requisitos necessários para ser considerada fonte de pesquisa histórica porque prescindia de interpretações de seu conteúdo para se fazer entender. Em outras perspectivas, a fotografia como fonte histórica era usada apenas para confirmar o que diziam os documentos escritos. “A utilização mais frequente e antiga das fotografias, nos trabalhos de ciências humanas é como ilustração do texto. A fotografia seria a vitrine, através da qual o leitor pôde tomar um contato imediato e simplificado do texto” (LEITE, 2001, p.146).

Debates e reflexões acerca do alcance, do valor e dos limites das fontes fotográficas, têm desenhado um novo panorama no Brasil, mudando a mentalidade quanto ao uso da fotografia, e a mesma passando a fazer parte de arcabouços históricos. Mas, a investigação histórica por meio da fotografia sempre implicará múltiplas leituras até mesmo por parte do pesquisador, pois, apesar da aparente neutralidade do olho da câmera e de todo o verismo iconográfico, a fotografia será sempre uma interpretação.

Além da ideologia a que a foto corresponde quando é produzida, Kossoy (2002, p.44) discute o processo de construção de realidades que a fotografia possibilita:

As imagens fotográficas, por sua natureza polissêmica, permitem sempre uma leitura plural, dependendo de quem as apreciam. Estes, já trazem embutido no espírito, suas próprias imagens mentais preconcebidas acerca de determinados assuntos [os referentes].

Compreendemos que o exame deste material sem o apoio das outras fontes, incluindo-se as orais, seria um trabalho incompleto. Em uma de suas análises, Leite (2001) revela a necessidade de outras fontes de informação, além da fotografia:

Parte significativa da documentação que examinamos revela a existência do convívio entre famílias de diferentes origens sociais, econômicas e étnicas, estabelecendo uma rede de relações nem sempre formalizadas ou claras. Para a compreensão destes relacionamentos ambíguos (...) os textos trazem, em geral, mais informações do que as imagens fotográficas posadas, feitas mais para legitimar do que para revelar uma situação (LEITE, 2001, p.58).

Na visão de Pombo (2003, p.4) seria o caso de invocar diferentes perspectivas: “interdisciplinaridade é um conceito que invocamos sempre que nos confrontamos com os limites do nosso território de conhecimento, sempre que topamos com uma nova disciplina cujo lugar não está ainda traçado no grande mapa dos saberes”. A nossa análise busca atender à provocação de Pombo (2006, p.230) à proliferação de práticas com novos espaços de investigação:

Dada a inexistência (que também já sublinhamos) de uma teorização consistente que legitimasse a ideia da interdisciplinaridade e lhe determinasse um verdadeiro programa de trabalhos, é difícil estabelecer o que poderia ser uma investigação interdisciplinar. O que não impede a proliferação de práticas a que se assiste, a realização de experiências de

diversos tipos, o ensaio de modelos e métodos de trabalho que são claramente interdisciplinares ou, pelo menos, procuram sé-lo.

Portanto, apesar do amplo potencial de informação contido na imagem, ela não se esgota em si mesma, ela congela um instante de vida das pessoas, das coisas, da natureza, da paisagem, apenas como fragmentos desconectados. Deste modo, ao lidar com a leitura da fotografia dependemos de uma compreensão global e de uma análise de pormenores. Kossoy (2001, p.117) mostra algumas pistas a serem seguidas no caminho da interpretação da imagem:

Em conexão com as mais diversificadas fontes que informam sobre o passado, têm-se maiores elementos para compreender a atitude dos personagens estáticos e mudos e dos cenários parados no tempo, assim como possíveis pistas que esclareçam quanto à atuação do próprio fotógrafo que registrou seus temas segundo uma determinada intenção. Conjugando essas informações ao conhecimento do contexto econômico, político e social, dos costumes, do ideário estético refletido nas manifestações artísticas, literárias e culturais da época retratada, haverá condições de recuperar micro-histórias implícitas nos conteúdos das imagens e, assim, reviver o assunto registrado no plano do imaginário.

Ao buscar o significado do conteúdo latente na fotografia, é preciso tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. Kossoy (2001) recomenda a análise iconográfica e iconológica.

Para decompor iconograficamente o dispositivo fotográfico, Kossoy (2001) propõe a observação de todo o processo até a concepção da fotografia. Primeiro o tema retratado na imagem, o autor do registro e os equipamentos e técnicas empregados para sua obtenção, estes são os elementos constitutivos, segundo Kossoy (2001). Por último, a identificação do local e a época, e/ou data que se deu o registro. “O produto final, a fotografia, é (...) resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia” (KOSSOY, 2001, p.37).

Já a análise iconológica, é incrustada na interioridade do fragmento visual, leva em consideração toda a subjetividade da produção do documento, conforme já mencionado anteriormente. Em ambas as análises, são necessários conhecimentos

sólidos acerca do momento histórico retratado. Para reunir as informações do passado é preciso processos interligados com suportes de outras áreas do conhecimento, como já está claro. Kossoy destaca (2001, p.78):

A imagem fotográfica é um meio de conhecimento pelo qual visualizamos microcenários do passado; contudo, ela não reúne em si o conhecimento do passado. O exame das fontes fotográficas jamais atingirá sua finalidade se não for continuamente alimentado (...) das informações escritas de diferentes naturezas contidas nos arquivos oficiais e particulares, periódicos da época, na literatura, nas crônicas, na história e nas ciências vizinhas. (...) É um engano pensar-se que o estudo da imagem enquanto processo de conhecimento poderá abdicar do signo escrito.

Em nossa pesquisa, partimos do levantamento de dados sobre a história de Araguaína, bem como das famílias pioneiras. Optou-se por analisar as fotografias da estirpe em questão, por se tratar de uma família que teve grande contribuição no desenvolvimento da construção histórica do município. E ainda, pela possibilidade de acesso às fotografias preservadas e fontes escritas, como a biografia própria de Luzia Machado, o que nos ajudou a conhecer o contexto histórico que as fotos estavam inseridas. Tratam-se de duas biografias, o primeiro livro **Minha Mini Biografia** foi lançado em 13 de novembro de 2004. Luzia faleceu em 26 de março de 2005 sofrendo de osteoporose e enfisema pulmonar. Ela se foi antes de publicar seu segundo livro **Minhas Lembranças**, o qual foi lançado, um ano mais tarde, por sua filha Amujaci Machado de Oliveira Lemos.

A pesquisa seguiu-se com a análise individual de cada fotografia. Na coleção de imagens também foram encontradas diversas fotos de trabalho, desde funcionários (professores), confraternizações escolares e homenagens, incluiu-se essas fotos em nossa análise, mesmo que eles representem uma situação extra familiar, devido a sua frequência nos álbuns da família. Neste estudo, nos detemos prioritariamente na investigação iconológica, já que não foi possível, devido à escassez de fontes de informações, identificar os locais registrados, os autores dos registros e sobre as técnicas utilizadas.

Dando continuidade aos procedimentos estabelecidos, ingressamos na segunda fase do trabalho, o uso de fontes orais, que foi a obtenção de depoimentos

dos descendentes da família Machado que se propuseram a identificar as fotografias analisadas. Nos depoimentos, especialmente de Amujaci Machado O. Lemos, pudemos reconstituir fidedignamente as micro-histórias da família. Em seguida, resgatamos subsídios históricos da família, por meio dos relatos de Machado (2004 e 2006), confrontando-os diretamente com os depoimentos coletados anteriormente, a fim de constatar ou refutar as informações. A narrativa é parte indissociável na utilização deste suporte no estudo proposto, uma vez que o sentido de cada foto compõe-se pela memória do sujeito, o que torna possível a elucidação de fatos e acontecimentos importantes da vida dessa família.

Por último, fizemos uma leitura crítica das fotos selecionadas por meio da comparação entre a linguagem fotográfica, as construções de realidade feita pelos descendentes, e por fim, as constatações de Machado (2004 e 2006). Essa leitura foi estabelecida no nível da significação social, que considera aspectos como: a representação da família, observando os valores familiares; a condição da mulher; a questão do trabalho; as relações sociais, sendo esta a interpretação do conteúdo fotográfico, levando em consideração a subjetividade do pesquisador.

2.1 Importância dos acervos fotográficos privados

A iconografia fotográfica, organizada da variada gama de temas retratados, pode fornecer um amplo painel de informações visuais para a nossa melhor compreensão do passado em seus múltiplos aspectos. De acordo com Leite (2001) a trajetória familiar é interligada entre o público e o privado. A autora ressalta a importância do suporte imagético familiar ao afirmar que,

[...] existe uma forte ligação com o mundo privado tanto em sua produção quanto em sua conservação e exibição, que os torna um instrumento fundamental para o estudo das interpretações das duas esferas – do público e do privado. A fotografia funciona como índice do que foi e por onde passou a família. (LEITE, 2001; p.160).

Ciavatta (2002, p. 30) também destaca a importância da fotografia familiar ao dizer que,

(...) as fotografias são como monumentos que traduzem valores, idéias, tradições e comportamentos que contribuem para a identidade familiar e orientam formas de ser e de agir. Enquanto objeto de memória, a fotografia atua como elemento de legitimação da memória da família.

Duas obras se constituíram fontes de pesquisa basilares em nossos estudos, dada a similaridade dos assuntos destas obras com a pesquisa de nosso interesse, são elas: **Retratos de família. Leitura da fotografia histórica**, de Míriam Moreira Leite, lançado em 2001; e **O mundo do trabalho em imagens. A fotografia como fonte histórica**, de Maria Ciavatta, de 2002.

Em sua pesquisa, Leite (2001) reuniu álbuns de várias famílias. A autora analisou, durante mais de dez anos, os álbuns de famílias de imigrantes que vieram para São Paulo durante a chamada ‘Grande Imigração’; são fotografias de família de três gerações, de 1890 a 1930. Foi possível reunir fotografias de família obtidas na Rússia, na Alemanha, na Itália, em Portugal, no Marrocos e no Líbano, unidas às que foram tiradas em cidades brasileiras, principalmente em São Paulo.

O trabalho de Ciavatta (2002) – **O mundo do trabalho em imagens. A fotografia como fonte histórica** teve como objeto de pesquisa as fotografias de arquivos públicos e privados da cidade do Rio de Janeiro, elaboradas por fotógrafos pioneiros (amadores e profissionais). Salvo poucas exceções, são de Augusto Malta as fotos encontradas relativas ao período estudado. Malta era fotógrafo oficial da prefeitura da cidade, cargo criado pelo prefeito Pereira Passos, para que o profissional registrasse os principais acontecimentos e as obras de transformação da cidade, além das inaugurações e solenidades oficiais em geral. O objetivo da pesquisa de Ciavatta (2002) foi identificar o modo como, no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX (1900-1930), o mundo do trabalho foi construído, pensado e dado a ver através da fotografia. Por mundo do trabalho, neste contexto, é entendido o trabalho livre e os trabalhadores urbanos, a formação profissional, as condições de vida e de sobrevivência na cidade, conforme Ciavatta (2002).

Nesta linha de pesquisa, buscamos contribuir com o estudo das formas pelas quais a paisagem é materializada por meio das diversas linguagens, sejam narrativas orais, filmicas, pictóricas, textuais como instituidoras de paisagens e de

suas representações produzidas, recepcionadas e tensionadas pelos diversos grupos sociais e sua relação com as paisagens urbanas e rurais.

A fotografia nesse sentido serve como uma porta para reativar a memória dos sujeitos, buscando uma produção de sentido, onde as pessoas vão descrever e explicar o mundo nas paisagens retratadas nas imagens dos álbuns de família, tal como explica Risso (2008, p.73),

No universo subjetivo estão incluídos os sentimentos em relação às paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades e territorialidades, que, segundo o tipo de experiência com a Natureza, ou percepção, reflete diferentes sentimentos e comportamentos em relação a ela. Para cada pessoa ou grupo a paisagem terá um significado, porque, as pessoas atribuem valores e significados diferentes às suas paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento ou desapego aos lugares.

Neste sentido, a percepção do indivíduo e dos grupos sociais ou a subjetividade da paisagem passa a ser estudada, visando à compreensão do significado que a sociedade atribui ao espaço. Essas possibilidades despertam um indescritível fascínio pelo passado, pelos sentimentos que elas evocam nas pessoas. “É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (KOSSOY, 2001, p. 28).

À fotografia, o autor agrega nossas memórias, de como o suporte passa a ser como “imagens-relicário que preservam cristalizadas nossa memória” (KOSSOY, 2002, p. 136). A rememoração da fotografia desencadeia que essas memórias venham à tona.

As imagens carregam em si as experiências de vida, amores perdidos, entes queridos que nos deixaram, amigos de infância, imagens que preservam cristalizadas nossas memórias, mas que não são reveladas pela fotografia, aonde são registradas apenas o mundo físico, visível na sua exterioridade, apenas o aparente das coisas.

A fotografia, obviamente, não guarda essas impressões [situações, sensações e emoções que vivemos]; elas se situam no nível do invisível, além da imagem. São emoções que não podem ser gravadas materialmente: residem em nosso ser e só a nós pertencem (SAMAIN, 1998, p. 25).

Quando essas imagens são apreciadas, elas são descongeladas dos seus conteúdos e nos levam ao passado em fração de segundos; quando contadas suas histórias são acrescidos, omitidos ou alterados fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, envolvendo um processo de criação/construção de realidades.

O estudo procura demonstrar a relevância do material fotográfico dentro de uma perspectiva interdisciplinar, uma vez que a fotografia interessa a diversas áreas do conhecimento que abordam o suporte imagético como produtor de sentido, a partir da apreciação da paisagem fixada na fotografia. Von Sinson *apud* Samain (1998) demonstra que através das imagens que nos retratam e das histórias que nos chegam pelas tramas da rede familiar, construímos uma interpretação da figura e da atuação de nossos antepassados no tecido social e a transmitimos para as novas gerações.

De acordo com Leite (2001) a trajetória familiar é interligada entre o público e o privado. A autora ressalta a importância do suporte imagético familiar ao afirmar que,

(...) existe uma forte ligação [dos retratos de família] com o mundo privado tanto em sua produção quanto em sua conservação e exibição, que os torna um instrumento fundamental para o estudo das interpretações das duas esferas – do público e do privado. A fotografia funciona como índice do que foi e por onde passou a família (LEITE, 2001, p. 160).

As fotografias registram o modo de comportamento na vivência familiar, revelando aspectos que são comuns a outras famílias da época. Deste modo, analisaremos aspectos da vida familiar, especificamente da família Machado, averiguando possíveis revelações de aspectos integrantes da memória da sociedade do município de Araguaína.

3. Redes familiares na história de Araguaína

Destaca-se que muitos trabalhos de resgate histórico podem ter sido realizados, mas não a partir da fotografia e principalmente dos álbuns das famílias

pioneiras do lugar, núcleo temático pouco explorado na bibliografia de Araguaína; portanto, a originalidade do tema torna inovadora a compreensão dos fatos históricos, valorizando a trajetória das primeiras famílias que habitaram a região de Araguaína e que contribuíram expressivamente para a cidade ser reconhecida hoje como pólo econômico no Tocantins.

Conforme podemos verificar, a história oficial relata que o desenvolvimento multidimensional do município está atrelado à chegada em Araguaína de famílias oriundas de vários estados brasileiros nas últimas décadas do século XIX. O impulso dados por essas famílias pioneiras cooperaram expressivamente para a abertura do comércio local e exportações, instituição de festas religiosas e várias foram as contribuições para o desenvolvimento da região, a contar o processo que culminaria com a criação de um município naquele lugar, que chegou-se a denominar como Araguaína, em 1949, nome cuja etnologia provém de Araguaia, em homenagem ao rio Araguaia, essas são informações da história oficial de Araguaína (BREVE HISTÓRIA de Araguaína, 2001).

Conforme a história oficial de Araguaína (Prefeitura de Araguaína, 2014), dentre essas famílias a de **João Batista da Silva**. Informação confirmada por Araújo (2000, p.03):

O início do desbravamento do município de Araguaína ocorreu no ano de 1876 com a chegada de João Batista da Silva e família, procedente de Paranaguá, estado do Piauí. A família se estabeleceu à margem do rio Lontra em local denominado “Livre-nos Deus”, nome que expressava o temor permanente do ataque de índios e animais selvagens que habitavam a primitiva região.

Para Soares (2006), historiadora e professora da Universidade Federal do Tocantins, existe outra versão acerca da história de Araguaína, seria que antes de 1876 já moravam outras pessoas na região. De acordo com a historiadora, a família de **Antônio Dias Ribeiro** veio do município de Boqueirão, estado da Bahia, ainda no início do século XIX, com o objetivo de não apenas desbravar a região, mas também para dinamizar a economia, criando gado, plantando árvores frutíferas, café e mandioca.

Neste aspecto, as versões da história se encontram, pois Araújo (2000) mostra que os primeiros moradores dedicaram-se ao cultivo de cereais para subsistência e, com objetivos mais lucrativos iniciaram a cultura do café como atividade predominante. Mas as dificuldades de escoamento da produção, decorrente da ausência de vias terrestres que interligasse a região a outros povoados e cidades, como acrescenta Araújo (2000), fizeram com que essa atividade fosse abandonada.

A história oficial de Araguaína (Prefeitura de Araguaína, 2014) expõe que devido a essas precariedades no sistema de transporte, a região passou por um longo período de estagnação, ficando isolada até 1925. Quando outras famílias chegaram, que foram as famílias de **Manoel Barreiro, João Brito, Guilhermino Leal e José Lira**, e deram um novo impulso ao município, inclusive mudando o nome da região para “Lontra”.

Já para Araújo (2000), a denominação da região como “Lontra”, deu-se poucos meses após a chegada de João Batista da Silva àquele lugar, que foi em 1876. O nome seria devido às coincidências da região localizar-se às margens de um rio, e aonde era frequente um mamífero, ambos denominados “Lontra”.

Atualmente, Araguaína é o maior pólo econômico da região Norte, e sua população, estimada pelo IBGE (2015) em 170.183 mil habitantes, advém de várias regiões brasileiras, a maioria de Estados vizinhos, como o Pará e Maranhão. A representatividade do município deve-se à influência dos pioneiros, que sobretudo dedicaram-se ao desenvolvimento da região, pensamento manifesto por Araújo (2000):

Desde o seu surgimento, de povoado “Livre-nos Deus” a povoado “Lontra”, passando também pela categoria de Distrito, o município de Araguaína se desenvolveu graças à coragem e ao entusiasmo de muitos cidadãos, que acreditaram e aqui investiram seu futuro. Para vivermos melhor o presente é preciso que voltemos os olhos ao passado (...). (ARAÚJO, 2000, p.34).

O regaste da biografia histórica dessas famílias pioneiras não foi o objetivo desse estudo, no entanto, ao iniciar nosso trabalho, nos deparamos com a investigação necessária de sujeitos e suas redes familiares para selecionar o *corpus* da pesquisa. A partir de análise documental, relatos orais de moradores mais antigos na cidade, identificamos nossos sujeitos para a pesquisa, até delimitar nosso tema à família Machado. Neste percurso, nos deparamos com vários nomes de pessoas pioneiras na cidade, numa relação que perpassava o oficial, extra-oficial e o popular. Para Antunes (2007), os direcionamentos políticos penetram nas questões históricas. Ele afirma que o poder público do município ao discorrer sobre as famílias proeminentes [como as pioneiras] discute o partidarismo e não a visão histórica; segundo ele, as famílias politicamente oposicionistas não são registradas

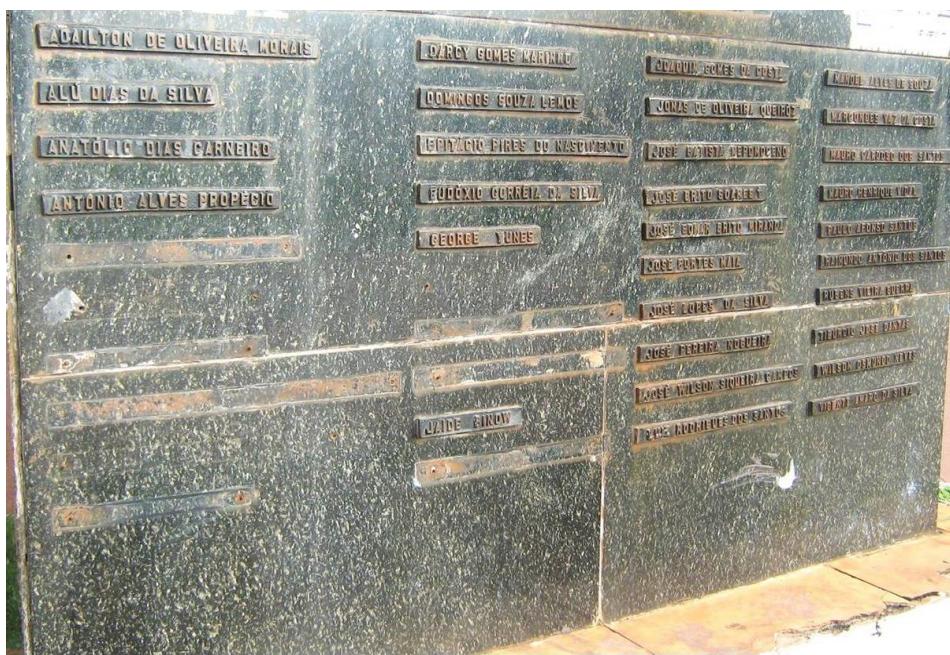


Foto: Keliane Vale
Fotografia 1: Monumento dos Pioneiros, 2006

oficialmente.

Também não é objetivo deste artigo aprofundar este debate, mas sim problematizar sobre as representações sociais do pioneirismo no município. Chamamos a atenção para a existência de um monumento denominado “dos Pioneiros” em um equipamento público. Trata-se de um monumento como marco da fundação da Praça das Nações (atual Praça Dom Luiz Orione, no centro da

cidade), construído em 1972. Ali foram registrados 40 nomes, destacamos que são todos homens, que tinham relação com a região (fotografia 1).

A existência do monumento e o discurso social relacionado a ele criam no imaginário popular uma identidade restrita, ao deixar de esclarecer que estas pessoas não representam as únicas famílias pioneiras do município. O monumento fixado lá, não apresenta outra versão, senão aquela que está inscrita nele; qualquer visitante ou pessoa que não tiver acesso à história de Araguaína pode julgar que ela se restringe a 40 nomes.



Foto: Keliane Vale

Fotografia 2: Monumento dos Pioneiros, 2006



Foto: Marcos Filho

Fotografia 3: Monumento dos Pioneiros, 2016

Devido ao estado crítico de conservação do monumento original, a restauração dele foi contemplada na reconstrução da praça em que está instalado. Segundo o prefeito Ronaldo Dimas, que efetivou a reforma, em entrevista na notícia “Iniciada reconstrução da Praça das Nações em Araguaína” (Prefeitura de Araguaína, online, 11 jun. 2015), o Monumento dos Pioneiros seria restaurado seguindo a originalidade histórica, mas observamos que foi drasticamente modificado ao ser entregue à população, em novembro de 2016, ainda assim, não foi corrigido o lapso histórico.

Observamos que o poder público não demonstra preocupação com a história do município, uma vez que Araguaína não conta com nenhum museu que possa tratar da história da cidade. Até mesmo para a revitalização do “Monumento dos Pioneiros”, que estava totalmente deteriorado quando iniciou a reforma em 2015, foram pesquisados arquivos privados em busca dos nomes inscritos na placa

original. Trinta e sete nomes foram recuperados no *corpus* da pesquisa de Santos (2007) e os demais com colaboração da sociedade, mobilizada amplamente pela mídia.

Observamos que na divulgação jornalística, a Prefeitura de Araguaína reforça uma versão política do pioneirismo. Em trecho da notícia “Prefeitura pede ajuda da população para resgate do Monumento dos Pioneiros em Araguaína”, o texto informa: “A peça original ficava na Praça das Nações e será implantada novamente após a reconstrução do local. Dos 40 nomes de famílias pioneiras da cidade, faltam três para a restauração” (Prefeitura de Araguaína, online, 7 jun. 2016).

Apenas em publicação posterior, a Prefeitura esclarece sobre essas pessoas na notícia “Últimos preparativos para inauguração da nova Praça das Nações”, afirmando que “o monumento foi construído em 1972, na época do então prefeito Raimundo Gomes Marinho. A Prefeitura restaurará a peça original, que continha nomes de famílias que participaram da construção da praça” (Prefeitura de Araguaína, online, 22 jun. 2016). Essa versão é o que se apresenta mais alinhada com a realidade, tendo em vista a incongruência com a história, inclusive a placa do Monumento dos Pioneiros traz nomes de pessoas vivas, como o ex-governador do Estado do Tocantins, José Wilson Siqueira Campos, com 89 anos em 2017, ano da publicação deste artigo.

Em nossa pesquisa, fizemos uma escolha metodológica. Optou-se por analisar as fotografias da estirpe em questão, por se tratar de uma família que teve grande contribuição no desenvolvimento da construção histórica do município. E ainda, pela possibilidade de acesso às fotografias preservadas e fontes escritas, como a biografia própria de Luzia Machado, o que nos ajudou a conhecer o contexto histórico que as fotos estavam inseridas.

3.1 Resgate histórico a partir da leitura dos álbuns da família Machado

A família Machado veio para o Norte de Goiás (atual Norte do Tocantins) em setembro de 1926, oriunda de Carolina, Estado do Maranhão. Florêncio Alves Machado e sua esposa Maria da Cruz Machado, mudaram-se para esta região trazendo Luzia da Cruz Machado, única filha na época. Machado (2004) aponta que o sustento da família provinha do trabalho do senhor Florêncio em um estabelecimento comercial [secos e molhados], que ele mesmo instalou, para abastecer as bagagens dos viajantes que trafegavam naquele lugar.

Por volta da década de 30, no povoado “Lontra”, segundo dados históricos pesquisados por Araújo (2000), as famílias que residiam no local começaram a se organizar geograficamente e burocraticamente, constituindo uma sociedade. Nesta organização, Florêncio foi nomeado como juiz distrital do Cartório de Registro Civil. Já dona Maria envolvia-se nos cuidados da casa e da família, acrescentada por mais três filhos, Isabel da Cruz Brito, Antônia da Cruz Machado, filha que viria a falecer em 1942, aos 12 anos de idade e o filho mais novo, Domingos da Cruz Machado.

Devido o agravamento de uma inflamação no fígado, debilidade que já sofria há alguns anos, Florêncio veio a falecer em 1936, com 36 anos de idade. Na difícil situação da família, foi a filha mais velha, Luzia, que teve melhores condições de ajudar a mãe viúva, já que os outros três irmãos eram mais novos.

É a partir da história de vida de Luzia da Cruz Machado – uma pessoa que viveu no lugar pesquisado a maior parte da sua vida, pois com apenas um ano e dois meses sua família mudou-se para a região do “Lontra”, que retratada em registros fotográficos será o foco da nossa análise. O trabalho foi realizado a partir de quatro categorias: contexto (cenário da foto), depoimento (depoimentos dos descendentes), constatação e análise (leitura crítica das fotos selecionadas).

FIGURA 1 - Família de Luzia Machado. **Contexto:** A foto mostra que todos se produziram com suas melhores vestimentas. Os adultos estão em pé, já as crianças, os seis filhos do casal, aparecem sentadas (os mais velhos nas extremidades e os mais novos ao centro). Uma agregada da família participa da foto. Maria, mãe de Luzia, aparece numa postura rígida, com os braços cruzados. **Depoimento:** Sobre a postura de Maria, Amujaci explica que quando a avó ficou viúva, aos 30 anos de idade, teve que assumir as responsabilidades da casa, como provedora da família, essa situação a tornou uma mulher séria, que mesmo sendo reservada, “com os íntimos era mais aberta”, completa a neta. Ela acrescenta que foi criada pela avó, já que os pais não tinham moradia fixa na época, com uma educação muito rígida; segundo a descendente, isso reflete até hoje em sua vida, como um trauma, tornando-a uma pessoa melindrosa em muitas situações. Ao observar esta foto, Amujaci comentou que era comum em sua casa a presença de pessoas agregadas, a agregada da foto se chamava Jardilina, conhecida como “Jarda”. **Constatação:** Sobre a questão dos agregados, Machado (2006) expressa a forma de tratamento



Figura 2: Família de Luzia Machado. (Da esquerda para direita: agregada, casal Jesuíno e Luzia, a avó Maria e os filhos do casal), 1955.

Foto: Arquivo Pessoal Amujaci Machado O. Lemos

dada a eles no seguinte relato:

Tinha (...) uma velhinha que eu e meus irmãos chamavam (sic) de vó (sic). O nome [dela] era Filomena Cabral, muito amiga de minha família. Na companhia dela vivia (...) Isabel. Meu pai a trouxe do Maranhão para cuidar dela como uma filha. Morava conosco. Depois fez uma casa para ela de frente para a nossa (MACHADO, 2006, p. 28).

Análise: A maneira como a família se deixa fotografar, transmite um inventário de situações e valores sociais. A família demonstra o respeito para com as idades mais indefesas, aparecendo sempre melhor acomodados. Foi possível constatar uma característica da composição da família, a presença de pessoas agregadas à família, que mantinham relações ambíguas com os membros legítimos; eles eram funcionários da casa, mas eram tratados como parentes, eles participavam dos registros fotográficos, demonstrando a inserção desses indivíduos no seio da família. Destacamos também o tratamento da família para com as idades mais indefesas, demonstrando respeito para com os idosos e crianças.

FIGURA 2 - O Casal Luzia e Jesuíno. Contexto: De Luzia e Jesuíno foi encontrada apenas esta foto no acervo disponibilizado. Esta foto foi produzida em



Figura 3: Casal Jesuíno Alencar e Luzia Machado, 1961.
Foto: Arquivo Pessoal Amujaci Machado O. Lemos

1961, 19 anos após o casamento, Luzia contava 36 anos. Não há registro da idade de Jesuíno. O casal parece estar sentado, tomando como observação a proximidade e frontalidade da foto. **Depoimento:** Amujaci revela que a mãe respeitava muito ao esposo, e conta que numa

época de eleição na cidade de Araguaína, Luzia simpatizava com um político de um partido, e Jesuíno de outro, mas na hora de votar ela se sentiu obrigada a acatar a escolha do marido. “Quando as pessoas tentavam lhe convencer de que o voto era secreto e que teria liberdade de escolha, minha mãe repetia: eu tenho que votar no candidato do Jesuíno, eu não posso lhe trair”. Isabel Machado Brito, irmã de Luzia, falou sobre o seu casamento, um arranjo da família: “minha mãe dizia: eu quero

filha é para casar, e não para fazer ‘paió’ de moça. Ela fala de “paió” referindo-se a depósito, celeiro; a mãe não pretendia que as filhas ficassem solteiras por muito tempo. Isabel casou-se com um homem mais velho, Balduíno Pereira Brito, por quem não nutria nenhum sentimento afetivo; segundo ela, a constituição da família estava mais ligada à procriação. O casal teve 18 filhos. **Constatação:** O relato mostra a submissão de Luzia, na época com 17 anos:

O homem que tinha se comprometido com a família, após o casamento, mudou de idéia e mudou também a minha vida, tendo que deixar a minha carreira, deixar minha família chorando e morrendo de paixão. No dia 31 de outubro de 1942, o homem endoidou para ir embora. Esforcei-me demais para não ir, mas não pude fazer nada (MACHADO, 2004, p. 20).

Análise: A partir do conhecimento que temos sobre a instituição familiar de Luzia e Isabel Machado, distinguimos que o fato afetivo não foi prioritário para a realização do casamento delas. O aspecto cultural, a questão da mulher solteira, foi decisivo para dá-las em casamento por sua mãe. Mas, vê-se que Luzia apresentava aspectos da condição feminina pouco comum para aquela época, mas não ia contra os conceitos da sociedade tradicional que vivia. Ao mesmo tempo em que agia em submissão ao marido, com o aval do companheiro, nota-se por sua trajetória de vida, que se fazia uma mulher independente, respeitada nas suas opiniões, destacando-se na sociedade, até mesmo ocupando cargos geralmente masculinizados, ela foi a 2^a vereadora de Araguaína.

FIGURA 3 – Descendentes de Luzia e Jesuíno. Contexto: Esta foto foi produzida em frente a uma casa de barro, que teve a fachada recoberta por um pano no qual está pintada a paisagem de um bosque. Na figura, temos Luzia e Jesuíno, acompanhados de cinco filhos; ao lado de Jesuíno, Filómeno Linard Lustosa, enteado de Luzia; na extremidade direita da foto, um agregado da família. Todos os personagens da foto estão formais, com os braços estendidos para baixo.

Depoimento: Facilmente se presume que qualquer registro fotográfico empregava boa quantia de dinheiro naquela época. Conforme os descendentes da família Machado, eram poucos os recursos financeiros da família, por isto as fotos não registram momentos individuais, como ritos de passagem (batismo, aniversário, etc),



Figura 4: Casal Jesuíno e Luzia, com filhos e agregado, 1964
Foto: Arquivo Pessoal Amujaci Machado O. Lemos

sendo feito o registro prioritariamente do grupo familiar. **Constatação:** Conforme Leite (2001, p. 97), o investimento incluía a produção da foto:

Como a prática da fotografia inclui despesas ostentatórias com o fotógrafo e o retrato, mas também a preocupação de produzir o espetáculo que será visto e distribuído para outros ramos da família, ela enverga o que alguns chamariam seus trajes domingueiros, e outros, a roupa de sair (de casa) ou de festa.

Borges (2005) demonstra que os estúdios funcionavam como pequenas fábricas de ilusão, que atraíam homens e mulheres que individualmente ou em grupos, davam vazão às suas fantasias. Para tal,

(...) os estúdios ofereciam uma variedade de apetrechos utilizados na montagem de cenários de acordo com desejo de auto-representação de seu público. Réplicas de tapetes persas, cortinas de veludo e brocado, almofadas decoradas, panos de fundo pintados com cenas rurais e/ou urbanas, roupas de gala, instrumentos musicais, bengalas, sombrinhas de seda etc., eram disponibilizadas aos clientes interessados em atribuir realidade a seus sonhos e desejos (BORGES, 2005, p.51).

Análise: A figura acima comprova o comportamento cerimonioso dos membros da família ao fazerem registros fotográficos. Podemos observar os vestuários dos retratados; dentre os personagens, o traje de Jesuíno é o que mais destoa dos outros personagens, que provavelmente estão também em seus melhores trajes, ele veste

calça, paletó e gravata (traje social ou passeio completo). Para a melhor composição da foto, também podemos perceber a utilização de planos de fundo, mas escapa à visão do fotógrafo uma das extremidades da foto, aonde aparece uma casa de barro.

FIGURA 4 – Vida Política. Contexto: Inauguração da obra da Escola Campos Brasil. Na foto, Luzia, a única mulher da cena, recebe a chave da Escola



Figura 5: Entrega da chave da Escola Campos Brasil à vereadora Luzia Machado, 1963

Foto: Arquivo Pessoal Amujaci Machado O. Lemos

Campos Brasil das mãos do prefeito, Anatólio Dias Carneiro. Na parte posterior da foto, estão presentes outras autoridades políticas da região (da esquerda para a direita): o vice-prefeito, Raimundo Falcão Coelho, o vereador, João de Sousa Lima, o candidato a vereador, Reis Lima e o ex-prefeito nomeado, Henrique Ferreira de Oliveira. **Depoimento:**

O nome da escola inaugurada foi dado por Luzia; sua filha nos fala que foi a homenagem da mãe ao 1º professor dela, Auto Campos Brasil.

Esta obra foi uma reivindicação sua,

enquanto cidadã, que ela viu ser concretizada. Já enquanto vereadora, Amujaci revela que Luzia tinha certa decepção com a política, porque seus projetos não chegaram a ser implantados. **Constatação:** Segundo Machado (2004), o último retorno da família de Luzia para residir em Araguaína foi a convite do candidato a prefeito, Anatólio Dias Carneiro, em 1959. Luzia foi acolhida com dois dos seus filhos [o restante da família ficou com Jesuíno em Santa Maria] em um setor afastado do centro do município, denominado na época de “Chapada Redonda”. Naquele setor Luzia desenvolveu trabalhos essenciais para dar mais qualidade de vida à comunidade, inclusive com a implantação de salas-de-aula, que tinha pouca estrutura e funcionava precariamente. No inicio dos trabalhos surgiu à promessa de construção de uma escola; o cumprimento dela foi graças à mobilização da

comunidade na campanha política do ano de 60, quando Anatólio Dias Carneiro foi eleito prefeito do município. Machado (2004, p.49) comemora: “devido ao apoio total do povo de Chapada Redonda, fui premiada com a construção do prédio da nossa escola”. Machado (2004, p.50) relata a influência da escola na comunidade:

A escola contribuía para o crescimento do povoado. Era um sucesso. Recebi a chave do grupo em 1963, quando o João Batista foi nomeado. O grupo foi construído com quatro salas que dava para distribuir oito turmas em dois turnos. A solenidade de entrega contou com a presença do prefeito, Anatólio Carneiro; do vice-prefeito, Raimundo Falcão Coelho e do Sr. Henrique Oliveira. (...) hoje, o povoado vem crescendo graças à escola e a colaboração dos alunos que chegam a 250.

Ao final do mandato de Luzia, ela estava descontente com os resultados alcançados: “Quando solicitaram a minha reeleição, não aceitei, pois não fiquei satisfeita com minha atuação porque não consegui um projeto sequer executado. Todos os projetos eram aprovados, mas nunca executados” (MACHADO, 2004, p.51).

Análise: Observamos que prevalece na imagem o grupo retratado, em detrimento da obra inaugurada, que não é evidenciada devido o plano vertical da fotografia. A construção de uma sede escolar mostra o desenvolvimento urbano do município de Araguaína. O cenário político de Araguaína é demonstrado como conturbado pelos interesses individuais; o trabalho pessoal de Luzia à comunidade “Chapada Redonda” confirma esta afirmação; o candidato a prefeito usou da influência dela para obter novos eleitores, alguns até nunca cadastrados.

FIGURA 4 – Vida de Mestre. Contexto: Os professores do Colégio Marechal Rondon, inclusive Luzia, estão retratados em seus uniformes escolares, em frente ao Colégio. **Depoimento:** Ao tentar localizar a sua mãe na imagem, Amujaci comenta que Luzia não gostava de estar a frente das fotos, principalmente as tiradas em grupo; observando o álbum da família, ela nos comprova que em todas as fotos grupais Luzia aparece ao fundo, do contrário, somente aquelas em que ela é o destaque. **Constatação:** Machado (2004, p. 47), em suas memórias, ressalta as ações benéficas que eram realizadas em torno do conjunto escolar:

O movimento da escola foi crescendo tomando uma bela posição para a sociedade. Eu, juntamente com os moradores e professores, promovíamos campanha. [...] Organizávamos trabalhos de escola e melhoria para ajudar os alunos mais carentes que tinham dificuldade para

adquirir material escolar e uniformes. Promovíamos festas, gincanas, e dramatizações nas escolas.



Figura 6: Professores do Colégio Marechal Rondon, década de 1970
Foto: Arquivo Pessoal Amujaci Machado O. Lemos

Na pesquisa de Ciavatta (2002, p. 62), encontramos algumas características das fotografias de trabalho: “a angulação lateral enfatiza a proximidade das pessoas unidas no pertencimento à empresa, deixando-se fotografarem unidos hierarquizados, em frente à dependência de seus locais de trabalho, [...] como parte da grande ‘família’ da fábrica”. A figura 6 é o exemplo claro desta afirmação. Observa-se a presença feminina nesse setor de trabalho. Para Araújo *apud* CIAVATTA (2002), a entrada da mulher no setor não doméstico de trabalho não teria representado uma melhora na sua condição social e, sim, uma nova forma de escravidão. Dois eram os setores de emprego caracteristicamente femininos: o serviço doméstico e o magistério. **Análise:** Observamos que na figura 6 os professores da Escola Marechal Rondon estão abraçados, coesos, o que demonstra uma unidade escolar. As ações caridasas citadas estão intimamente ligadas a essas características, só é possível mobilizar gratuitamente tantas pessoas por uma causa que seja importante para todos, unidos em um só ideal. A figura 6 demonstra a

presença marcante da mulher na educação escolar, o único homem da foto, é o diretor do Colégio. O preconceito em relação ao trabalho da mulher revela o pensamento masculino que rejeita o acesso das mulheres à sociedade ativa economicamente. Constatamos que as mulheres tiveram uma importante contribuição nas áreas social, cultural e educacional no município de Araguaína. Na indumentária dos retratados percebemos calças boca de sino, bem típico da moda dos anos 70, estilo hippie. Já as mulheres, se dividem entre adeptas das tradicionais saias e outras usam calças. Naquela época, a maioria das mulheres usava saia, a calça era considerada uma peça do vestuário masculino.

FIGURA 4 – Homenagens. Contexto: Na figura 7, Luzia recebe a homenagem em honra ao mérito do Colégio Marechal Rondon das mãos do diretor do Colégio e vereador, João Alves Batista. A solenidade foi prestigiada pelo prefeito

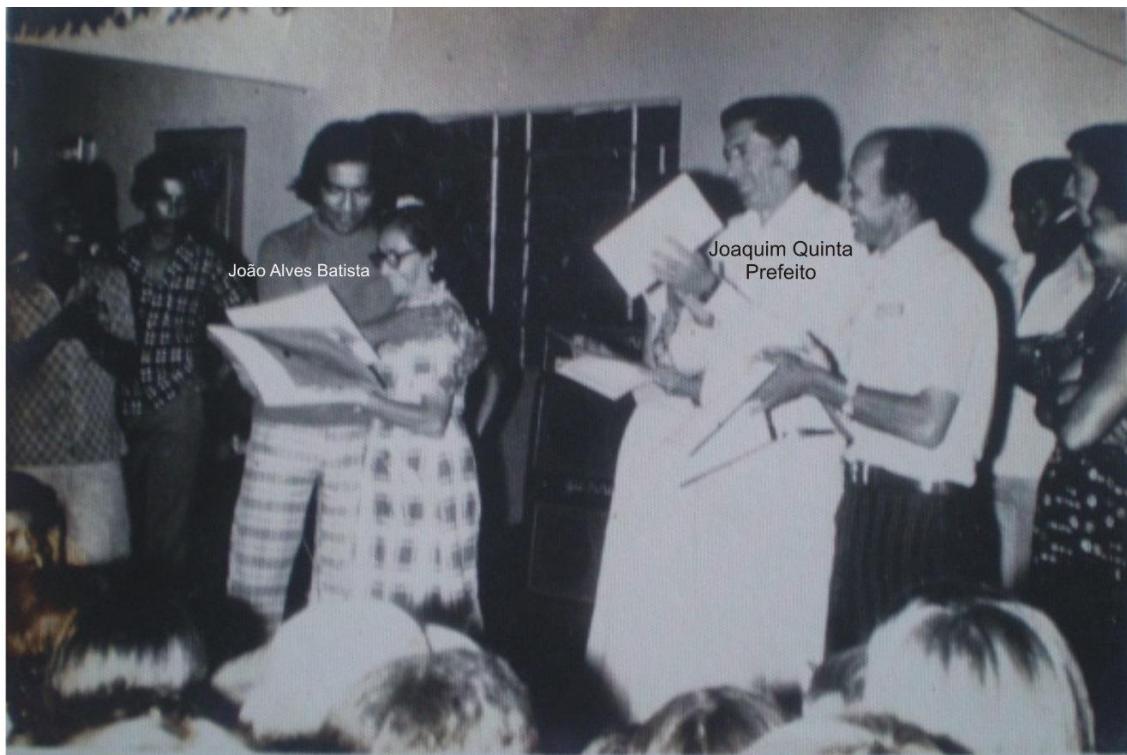


Figura 7: Homenagem em Honra ao Mérito do Colégio Marechal Rondon, 12/06/1978
Foto: Arquivo Pessoal Amujaci O. Lemos

da época, Joaquim de Lima Quinta, professores, alunos e familiares. Luzia trabalhou de 1972 a 1983 no Colégio, quando se aposentou com mais de 30 anos de trabalho. **Depoimento:** Amujaci registra que João Batista também foi um dos agregados à família; Luzia deu todo apoio ao jovem para ele consolidar sua vida profissional, a começar pela busca da regularização documental do rapaz, que só portava a certidão

de nascimento. **Constatação:** A homenagem da direção do Colégio Marechal Rondon à Luzia reconhece a sua dedicação como professora, além de evidenciar a afinidade de João Batista com ela. Luzia investiu em Batista, conforme relata Machado (2004, p.52): “(...) eu o apresentei como candidato a vereador em meu lugar, ao qual daria todo apoio. Ele não rejeitou e foi eleito por quatro vezes”. **Análise:** Luzia ostentava os vários diplomas, comendas e demais manifestações de gratidão e reconhecimento pelo que fez em benefício do povo nos vários lugares onde pôde prestar algum serviço. Em 22 de janeiro de 1977 recebeu o título de “Cidadã Honorária de Araguaína, da Prefeitura Municipal; e em 12 de junho de 1978, recebeu uma homenagem em Honra ao Mérito do Colégio Marechal Rondon.

FIGURA 7 – Conhecimento. Contexto: Luzia faz juramento na formatura do curso de magistério, vestindo a tradicional beca. Não foi possível identificar os outros personagens da foto. **Depoimento:** Durante os estudos,

Amujaci disse que Luzia foi discriminada pela idade, mas que isso não a desestimulava.

Constatação: Foi depois de aposentada que Luzia voltou a estudar, mas continuava oferecendo sua contribuição à Escola. “Ao completar 30 anos, depois de aposentada, fui fazer o Projeto Lúmem em nível de 2^a grau



Figura 8: Formatura do Projeto Lúmem, 11/10/1978
Foto: Arquivo Pessoal Amujaci Machado O. Lima

para melhorar meus vencimentos e fiquei aguardando o diploma. Enquanto aguardava, continuei trabalhando com João Batista” (MACHADO, 2004, p. 54).

Análise: A família de Luzia não detinha muitas posses e passaram muitas necessidades no início da formação da prole. A busca de Luzia por um diploma foi devido às questões econômicas, pois ela, que passou a vida inteira na área da educação, não precisaria de uma titulação que a reconhecesse como mestre popular.

4. Considerações finais

O objetivo deste trabalho: utilizar a fotografia dos álbuns da família Machado, pioneira em Araguaína, para investigar informações históricas do município, e reconstituir micro-histórias da vida de Luzia Machado, foi devidamente cumprido. Analisando o cenário extra-familiar, as informações que obtivemos não foram suficientes para reconstruir um contexto histórico do município, de forma que visualizamos apenas fragmentos do desenvolvimento urbano do município.

No plano dos resultados da pesquisa, conseguimos fazer uma observação importante, os álbuns da família analisada apresentaram leituras limitadas do contexto histórico da sociedade do município de Araguaína. Aliás, a leitura das memórias de Luzia Machado foi essencial para construirmos nossas análises, e os descendentes de Machado foram imprescindíveis para nos informar grau de parentesco, datas, e informações não conhecidas, que contribuíram bastante. No entanto, a escassez e acesso a registros históricos de Araguaína foi afrontosa no decorrer desta pesquisa.

As possibilidades são muitas, as limitações também. Portanto, por meio dos álbuns da família Machado, vislumbramos o uso dos álbuns de outras famílias pioneiras em Araguaína como ferramenta para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida individuais e possivelmente as coletivas, observando a utilização de outras fontes de informação (escrita e oral). Equivocadamente, na seleção inicial dos possíveis sujeitos desta pesquisa, antes mesmo do recorte da análise aos álbuns da família Machado, não consideramos trabalhar com famílias que não tivessem uma quantidade expressiva de fotografias, no entanto, percebemos que a própria ausência deste tipo de registro da família, resgata não só a história da técnica que passou de acessível aos abastados à popularização hoje através de celulares, como pode gerar também a discussão a respeito da importância social do registro fotográfico.

Acredita-se que o trabalho servirá como proposta introdutória para novos estudos, tendo até a pretensão de despertar o interesse de autoridades públicas, instituições privadas e pesquisadores da área a trabalhar com o núcleo temático desta pesquisa, as famílias pioneiras em Araguaína.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Euclides. **Cenário político conturbado.** Jornal do Tocantins. Suplemento Araguaína 49 anos. p.02, 14 de novembro de 2007. Entrevista.

ARAÚJO, Claudivan Santiago. **Araguaína. história e atualidade.** Araguaína, TO: Provisão Estação Gráfica Digital, 2000.

BORGES, Maria Elisa Linhares. **História e fotografia.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BREVE HISTÓRIA de Araguaína. 2001, on-line, disponível em: <<http://www.araguaina.to.gov.br/historiacidad.html>>, acesso em 15 de novembro de 2006.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens.** a fotografia como fonte histórica. (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DUBOIS, Philipe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, SP: Papirus, 1993.

GURGEL, Jauro José Studart. **A história dos poderes legislativo e executivo araguainenses.** Gráfica Brasil, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem da População 2014.** disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>, acesso em 15/09/2014, às 21h17.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** 3.ed. Ateliê Editorial, 2002.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família.** leitura da fotografia histórica. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MACHADO, Luzia da Cruz. **Minha mini biografia.** Gurupi: Veloso Editorações, 2004.

- _____. **Minhas lembranças**. Araguaína: Acalanto, 2006.
- POMBO, Olga. **Práticas Interdisciplinares**. Sociologias [Online], Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 208-249. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n15/a08v8n15.pdf>>. Acesso em 05 mai. 2016.
- _____. Epistemologia da interdisciplinaridade. Ideação [Online]. v. 10, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/viewArticle/4141>>. Acesso em 5 mai. 2016.
- PREFEITURA DE ARAGUAÍNA, online, 11 jun. 2015, disponível em: <<http://www.araguaina.to.gov.br/portal/paginas.php?p=not¬=noticias&id=1334>>, acesso em 14/10/2017.
- _____, online, 7 jun. 2016a, disponível em: <<http://www.araguaina.to.gov.br/portal/paginas.php?p=not¬=noticias&id=1949#WeJ6HxIxnu>>, acesso em 14/10/2017.
- _____, online, 22 jun. 2016b, disponível em: <<http://www.araguaina.to.gov.br/portal/paginas.php?p=not¬=noticias&id=1991#WeJ3aBIXnIU>>, acesso em 14/10/2017.
- RISSO, Luciene Cristina. **Paisagens e Cultura**: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. Revista Espaço e Cultura [Online]. UERJ, RJ, n. 23, p. 67-76, JAN./JUN. DE 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3523/2450>>. Acesso em 9 mai. 2016.
- SAMAIN, Etienne.(org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Keliane da Silva. **A fotografia como instrumento de análise histórica: leitura dos álbuns da família Machado** /Orientadora Msc. Maria Dilma de Lima. 73 f. Monografia (graduação) - Fundação Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, 2007.
- SOARES, Marizete Cristina. **A partir das margens do Lontra**. Jornal do Tocantins. Suplemento Araguaína 48 anos. p.02, 14/11/2006. Entrevista
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.